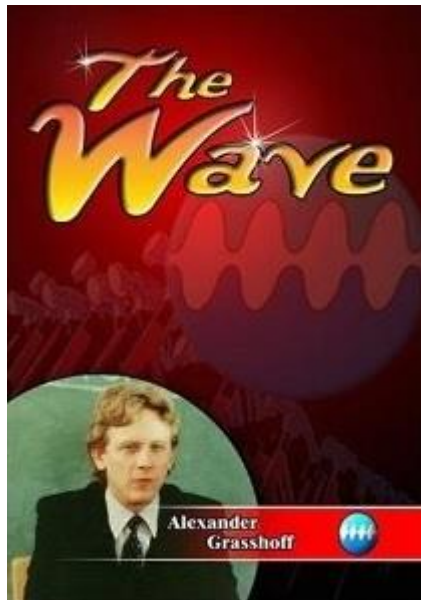


A EXPERIÊNCIA JONES: THE WAVE, O ENSINO DE HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

Por *Andreza Maynard*
Doutora em História UNESP



Em 1967, Ron Jones, professor de História na Elwood P. Cubberly High School, situada em Palo Alto, Califórnia, resolveu promover uma experiência com seus alunos. Diante da questão: “O fascismo pode retornar?”, o jovem docente, ainda com 27 anos, resolveu simular junto aos seus estudantes a criação de um movimento nos moldes fascistas.

O experimento ocorreu, provavelmente, entre os dias 27 de março e 5 de abril de 1967 – conforme notícia o jornalzinho da escola, *The Cubberley Catamount*. Durante estes dias, os alunos foram envolvidos em três conceitos básicos: força pela comunidade, força pela ação e força pela disciplina.

O movimento criado pelo professor Jones, iniciado com cerca de trinta alunos, viu crescer rapidamente o número de adeptos, e o grupo, chamado de “Terceira Onda”, chegou a ter, aproximadamente, 1130 integrantes. Depois de ver-se cercado por seus próprios “seguranças” e percebendo as proporções que o movimento estava tomando, Jones encerrou as atividades do grupo. A decisão, porém, chegou um pouco tarde demais, ao menos para que se evitassem os problemas causados e a sua própria demissão.

Desse fato, resultou um relato do próprio Jones, que foi a base do roteiro para o filme *The Wave* (“A onda”), produzido pela rede de televisão ABC e lançado em 1981. Com cerca

de 44 minutos, foi idealizado para ocupar apenas parte da aula de História. Nele, temos como alter ego de Ron Jones o professor Ben Ross (vivido pelo ator Bruce Davison), preocupado em transformar o seu curso de História Mundial, parte integrante das aulas de Estudos Sociais para o Ensino Médio norte-americano, em uma oportunidade para estudar o tempo presente. Assim, os estudantes são convidados a refletir sobre as vantagens da disciplina, a transformá-la em elemento de sucesso e orgulho, a valorizar a força e a união do grupo, a priorizar a comunidade e a “sensação de ser parte de uma coisa que é mais importante do que você mesmo”, como explica Ross.

O filme “A Onda” foi idealizado para servir como uma espécie de “after school”, uma atividade complementar. Nele, destaca-se o forte envolvimento dos estudantes com o movimento criado: a comunidade, expressada pelo uso de um mesmo símbolo preso em braçadeiras; a disciplina, expressada pela silenciosa turma que aguarda o professor; o orgulho presente na separação entre os que eram da Onda e os que não eram; a força representada pela truculência dos estudantes para retirar do caminho os próprios amigos se estes se manifestavam contra o grupo.

A Onda, como explica o professor Ross, é um modelo de mudanças, possui movimento, direção e impacto. O impacto, por exemplo, pode ser percebido quando Robert (Johnny Doran), concebido quando o “freak”, o “loser” da sala, é envolvido na comunidade. Os elogios de Ross a Robert, que se torna até mesmo o seu guarda pessoal, só reforçam a sua transformação de aluno invisível em exemplar: “Vejam como está ereta a espinha dele!”.

O filme possui uma clara função pedagógica. Diferente de outras obras, trata-se de uma produção que, declaradamente, pretende intervir no processo de ensino-aprendizagem. Ao defender a experiência do professor, o pai de uma de uma aluna observa: “Este país foi construído por gente que fazia parte de um grupo”, lembra o pai de Lauree. Enquanto a mãe, preocupada com o fato de a filha ser mais uma num grupo, retruca: “Mas deve a sua grandeza aos que tiveram coragem de serem individualistas”.

O filme quer deixar claro que há um lado a ser seguido, outro a ser evitado. O discurso marcadamente liberal e individualista dos pais de Lauree (Lori Lethin), a única estudante que parece discordar da Onda, é um dos sinais de que a obra negociava com seu próprio tempo. Nele, o medo ao comunismo amalgamava fascismo e socialismo como partes de um só projeto social.

Ao mesmo tempo, “A Onda” provoca o debate sobre a demanda social do presente. Há, como observou Theodor Adorno (1903-1969), uma necessidade urgente por educar sobre os fascismos, é preciso ensinar sobre o Holocausto, seus desdobramentos, é preciso deixar claro que o nazismo alemão dos anos 1930 e 1940 não resultou dos delírios de um austríaco vegetariano, pintor frustrado, anti-semita e fortemente transtornado. Ao contrário, os alemães, assim como os holandeses, os húngaros, franceses e tantos outros, participaram ativamente do morticínio. Fizeram juntos a desgraça.

Consequentemente, o que a experiência vista na película pode ensinar? Ela pode ensinar que a ideia da sociedade vítima do Estado é uma falácia. Que o aluno precisará entender o peso da cidadania, que se deve compreender que, na maioria dos casos, a sociedade não é a vítima, mas participe das ações do Estado. A indiferença de Adolf Eichmann (1906-1962) é, talvez, o grande exemplo de tudo isto. “Je ne suis pas responsable”, como repetem os personagens exibidos no clássico Noite e Neblina (1955), de Alain Resnais (1922 -2014).

Justamente por ter sido pensado para a sala de aula, a obra reúne elementos que tornam o seu uso proveitoso. Há um enredo envolvente, uma temática infelizmente ainda atual – a presença de grupos, como o Svoboda na formação do “Governo de Transição” da Ucrânia, a ascensão do Aurora Dourada na Grécia e as pretensões de Marine Le Pen e do Front National nas próximas eleições do Parlamento Europeu servem como exemplos –, há uma situação de disjunção social que rapidamente é resolvida e há, sobretudo, o herói capaz de evitar uma tragédia, algo que posiciona a película dentro dos padrões mais recorrentes do cinema norte-americano.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. In: **Educação e Emancipação**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.p. 119-13. Trad. de Wolfgang Leo Maar.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Trad. José Rubens Siqueira.

GRASSHOFF, Alexander. **The Wave**. USA, 1981. 44min.



RESNAIS, Alain. **Noite e Neblina**. França, 1955.3 2min.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O retorno: é primavera em Zwickau**, Alemanha.

Disponível via: <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-retorno-e-primavera-em-Zwickau-Alemanha/19373>. Acesso em 12/12/2013.